

XVII - SEDE PERFEITOS

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XVII - SEDE PERFEITOS

Caracteres da perfeição

1. *Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. - Porque, se somente amardes os que vos amam que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? - Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? - Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial. (S. MATEUS, cap. V, vv. 44, 46 a 48.)*

2. Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. Mas, os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance, pelo que ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar.

Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem.” Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se se observam os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobreexcita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial.”

O homem de bem

3. O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem.

Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à idéia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado Lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: "Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado."

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros.

Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que Lhe foi dado pode ser-Lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que Lhe são concedidos, porque sabe que é um

depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, nº 9.)

Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus.

Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz.

Os bons espíritas

4. Bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um o mesmo é que outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não lhes apreendem as conseqüências, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos. A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza e da sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo, oculto ao vulgo.

Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhes apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matizes. Provém isso de que a parte por assim dizer material da ciência somente requer olhos que observem, enquanto a parte essencial exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar maturidade do senso moral, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encamado.

Nalguns, ainda muito tenazes são os laços da matéria para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, donde resulta não romperem facilmente com os seus pendores nem com seus hábitos, não percebendo haja qualquer coisa melhor do que aquilo de que são dotados. Têm a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas. Numa palavra: não divisam mais do que um raio de

luz, insuficiente a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações. Atêm-se mais aos fenômenos do que a moral, que se lhes afigura cediça e monótona. Pedem aos Espíritos que incessantemente os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar Os arcanos do Criador. Esses são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que lhes compartilham das fraquezas ou das prevenções. Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, noutra existência.

Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: é tocado no coração, pelo que inabalável se lhe torna a fé. Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.* Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, se tem firme a vontade.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. V, v. 43-48. -LUCAS, Cap. VI, v. 27-28 e 32-36

Amar os inimigos. - Amor e caridade para com todos. - Via da perfeição

MATEUS: V. 43. Tendes ouvido que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarias o teu inimigo. - 44. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e caluniam, - 45, a fim de serdes filhos de vosso Pai - que está nos céus - que faz nascer seu sol sobre os bons e sobre os maus - e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. - 46. Porque, se só amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem o mesmo os publicanos? - 47. Se somente saudardes os vossos irmãos, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem o mesmo os gentios? - 48. Sede, pois, perfeitos como é perfeito vosso Pai Celestial.

LUCAS: V. 27. Mas, digo eu a todos vós que me escutais: amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; - 28, abençoai os que vos amaldiçoam; orai pelos que vos caluniam. -32. Se não amardes senão os que vos amam, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também amam os que os amam? - 33. Se só fizerdes o bem aos que bem vos fazem, que mérito tereis, uma vez que os pecadores procedem do mesmo modo? - 34. Se só emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também emprestam a pecadores, contando receber outro tanto? - 35. Amai, portanto, os vossos inimigos; fazei bem a todos e emprestai sem esperar pagamento. Vossa recompensa então será muito grande e sereis filhos do Altíssimo, que é benevolente para com os ingratos e os maus. - 36. Sede, pois, misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.

N. 89. Praticai a lei do amor e da caridade, sem-pre e em toda parte, para com todos, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos.

Nisto se resume o ensinamento acima, porquanto a observância da lei de amor e caridade implica a prática de todas as virtudes e de todos os deveres.

Pois que Deus concede os benefícios da Natureza à humanidade toda, porque há de o homem negar-se a dividir com seus irmãos o que recebe do pai comum?

Julgar - só a Deus cabe, porque só o seu jul-gamento é íntegro e isento das preocupações interes-seiras que tantas vezes poluem os vossos. Sede, con-seguentemente, bons para com todos os vossos irmãos e deixai a Deus o encar-go de julgar os que de suas mãos saíram e cujos corações e pensamentos só ele sonda.

Nada façais nunca tendo em vista apenas a re-compensa. Vossas ações, quaisquer que sejam, devem subordinar-se tão-somente ao amor do dever, ao amor e ao reconhecimento a Deus. Se elas não forem mais do que um empréstimo feito a Deus, objetivando unicamente a recompensa que ele vos queira dar, es-tareis, oh! homens que podeis tão pouco, praticando a usura com a eternidade. E, enquanto vos mantiverdes sob a influência desse sentimento e egoísmo, não sereis filhos do Altíssimo. A recompensa, ele não a defere senão aos atos que, pelo coração e pelo pensamento, são fruto do desinteresse e do amor.

A vossa fraqueza se assusta e o vosso orgulho se revolta ante estas palavras do Mestre: Amai os vos-sos inimigos".

Para se praticar este amor não basta a isenção de ódio, de rancor, de desejo de vingança contra os inimigos, não basta a abstenção de palavras, de atos, de tudo o que lhes possa ser nocivo ou desagradável, não basta perdoar-lhes e esquecer o mal que fizeram ou fazem. É preciso pagar-lhes, em tudo, por toda parte e sempre, o mal com o bem, por todos os meios, sob todas as formas e em todas as circunstâncias, com sinceridade no pensamento e no coração. É preciso trabalhar assim sem cessar por conquistá-los. É preciso que, sinceramente e possuídos do sentimento do amor universal, que deve de continuo crescer no coração do homem, que o aproxima cada vez mais de Deus, façais o bem aos que vos odeiam. É preciso que, não com os lábios, mas com o coração, abençoeis os que vos amaldiçoam, oreis pelos que vos perseguem ou caluniam.

Aquele que, desse modo, faz o bem, abençoa e ora, esse tem o sentimento e está na posse do amor aos inimigos.

Tratai, pois, de vos libertar das influências da matéria pela prática da lei do amor e da caridade, pela prece, e vereis cada vez mais desenvolver-se em vós, sob a influência e a ação da vossa depuração moral, a bondade, a misericórdia, a beneficência de que usa o vosso pai para com os ingratos, os justos e os injustos, os bons e os maus.

Jesus disse: Sede perfeitos como o vosso pai celestial é perfeito. Quer isto dizer: exercei, praticai com sinceridade todas as virtudes que vos são ensinadas para vos conduzirem àquele que é perfeito.

O Espiritismo, pela nova revelação, pela reve-lação da revelação, terceira e última explosão da bondade de Deus para com os homens, é a luz que vos deve clarear a marcha, que dará vista aos cegos. Não a repilais. Submetendo-vos cordialmente à prática dos ensinamentos que vos traz essa nova revelação, por inter-médio dos Espíritos do Senhor, os quais vos vêm explicar e tornar compreensíveis as palavras evangélicas de Jesus e inspirar a prática sincera, esclarecida e completa delas, alcançareis o objetivo que se vos propõe. O caminho será longo, tortuoso, cheio de escolhos e dificuldades, mas finaliza num sítio pleno de delícias e claridades.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XVII - SEDE PERFEITOS

Parábola do semeador

5. Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à borda do mar; - em torno dele logo reuniu-se grande multidão de gente; pelo que entrou numa barca, onde sentou-se, permanecendo na margem todo o povo. - Disse então muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim:

Aquele que semeia saiu a semear; - e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram. - Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde haviam caído. - Mas, levantando-se, o sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram. - Outra parte caiu entre espinheiros e estes, crescendo, as abafaram. Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. - Ouça quem tem ouvidos de ouvir. (S. MATEUS, cap. XIII, vv. 1 a 9.)

Escutai, pois, vós outros a parábola do semeador. - Quem quer que escuta a palavra do reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho. - Aquele que recebe a semente em meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. - Mas, não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Em sobrevindo reveses e perseguições por causa da palavra, tira ele daí motivo de escândalo e de queda. - Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra; mas, em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera. - Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um. (S. MATEUS, cap. XIII, vv. 18 a 23.)

6. A parábola do semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais não passa ele de letra morta e que, como a semente caída sobre pedregulhos, nenhum fruto dá!

Não menos justa aplicação encontra ela nas diferentes categorias espíritas. Não se acham simbolizados nela os que apenas atentam nos fenômenos materiais e nenhuma consequência tiram deles, porque neles mais não vêem do que fatos curiosos? Os que apenas se preocupam com o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem à imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram? Os que reconhecem muito bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros e não a si

próprios? Aqueles, finalmente, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos?

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O dever

7. O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? onde termina? *O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranqüillidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.*

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sua consciência o mal que pode fazer. Com relação ao bem, infinitamente vário nas suas expressões, não é o mesmo o critério. *A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.*

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. *O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo.* E a um tempo juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe o filho. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos. - *Lázaro.* (Paris, 1863.)

A virtude

8. A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que

constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e atenuam. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se. Adivinhamna; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas. S. Vicente de Paulo era virtuoso; eram virtuosos o digno cura d'Ars e muitos outros quase desconhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que fossem virtuosos; deixavam-se ir ao sabor de suas santas inspirações e praticavam o bem com desinteresse completo e inteiro esquecimento de si mesmos.

À virtude assim compreendida e praticada é que vos convido, meus filhos; a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita é que vos concito a consagrar-vos. Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre desadornam as mais belas qualidades. Não imiteis o homem que se apresenta como modelo e trombetaia, ele próprio, suas qualidades a todos os ouvidos complacentes. A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma imensidade de pequenas torpezas e de odiosas covardias.

Em princípio, o homem que se exalça, que ergue uma estátua à sua própria virtude, anula, por esse simples fato, todo mérito real que possa ter. Entretanto, que direi daquele cujo único valor consiste em parecer o que não é? Admito de boamente que o homem que pratica o bem experimenta uma satisfação íntima em seu coração; mas, desde que tal satisfação se exteriorize, para colher elogios, degenera em amor-próprio.

O vós todos a quem a fé espírita aqueceu com seus raios, e que sabeis quão longe da perfeição está o homem, jamais esbarreis em semelhante escolho. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritas sinceros. Contudo, dir-lhes-ei: Mais vale pouca virtude com modéstia, do que muita com orgulho. Pelo orgulho é que as humanidades sucessivamente se hão perdido; pela humildade é que um dia elas se hão de redimir. *François-Nicolas-Madeleine*. (Paris, 1863.)

Os superiores e os inferiores

9. A autoridade, tanto quanto a riqueza, é uma delegação de que terá de prestar contas aquele que se ache dela investido. Não julgueis que lhe seja ela conferida para lhe proporcionar o vão prazer de mandar; nem, conforme o supõe a maioria dos potentados da Terra, como um direito, uma propriedade. Deus, aliás, lhes prova constantemente que não é nem uma nem outra coisa, pois que deles a retira quando lhe apraz. Se fosse um privilégio inerente às suas personalidades, seria inalienável. A ninguém cabe dizer que uma coisa lhe pertence, quando lhe pode ser tirada sem seu consentimento. Deus confere a autoridade a título de missão, ou de prova, quando o entende, e a retira quando julga conveniente.

Quem quer que seja depositário de autoridade, seja qual for a sua extensão,

desde a do senhor sobre o seu servo, até a do soberano sobre o seu povo, não deve olvidar que tem almas a seu cargo; que responderá pela boa ou má diretriz que dê aos seus subordinados e que sobre ele recairão as faltas que estes cometam, os vícios a que sejam arrastados em consequência dessa diretriz ou dos maus exemplos, do mesmo modo que colherá os frutos da solicitude que empregar para os conduzir ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão, grande ou pequena; qualquer que ela seja, sempre lhe é dada para o bem; falseá-la em seu princípio é, pois, falir ao seu desempenho.

Assim como pergunta ao rico: “Que fizeste da riqueza que nas tuas mãos devera ser um manancial a espalhar a fecundidade ao teu redor”, também Deus inquirirá daquele que disponha de alguma autoridade: “Que uso fizeste dessa autoridade? Que males evitaste? Que progresso facultaste? Se te dei subordinados, não foi para que os fizesses escravos da tua vontade, nem instrumentos dóceis aos teus caprichos ou à tua cupidez; fiz-te forte e confiei-te os que eram fracos, para que os amparasses e ajudasses a subir ao meu seio.”

O superior, que se ache compenetrado das palavras do Cristo, a nenhum despreza dos que lhe estejam submetidos, porque sabe que as distinções sociais não prevalecem às vistas de Deus. Ensina-lhe o Espiritismo que, se eles hoje lhe obedecem, talvez já lhe tenham dado ordens, ou poderão dar-lhas mais tarde, e que ele então será tratado conforme os haja tratado, quando sobre eles exercia autoridade.

Mas, se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, de seu lado, também os tem e não menos sagrados. Se for espírita, sua consciência ainda mais imperiosamente lhe dirá que não pode considerar-se dispensado de cumpri-los, nem mesmo quando o seu chefe deixe de dar cumprimento aos que lhe correm, porquanto sabe muito bem não ser lícito retribuir o mal com o mal e que as faltas de uns não justificam as de outrem. Se a sua posição lhe acarreta sofrimentos, reconhecerá que sem dúvida os mereceu, porque, provavelmente, abusou outrora da autoridade que tinha, cabendo-lhe, portanto, experimentar a seu turno o que fizera sofressem os outros. Se se vê forçado a suportar essa posição, por não encontrar outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se, como constituindo isso uma prova para a sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença lhe orienta a conduta e o induz a proceder como quereria que seus subordinados procedessem para com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo, mais escrupuloso se mostra no cumprimento de suas obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe está determinado redundará em prejuízo para aquele que o remunera e a quem deve ele o seu tempo e os seus esforços. Numa palavra: solicita-o o sentimento do dever, oriundo da sua fé, e a certeza de que todo afastamento do caminho reto implica uma dívida que, cedo ou tarde, terá de pagar. - *François-Nicolas-Madeleine, Cardeal Morlot.* (Paris, 1863.)

O homem no mundo

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem

sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos. Purificai, pois, os vossos corações; não consentais que neles demore qualquer pensamento mundano ou fútil. Elevai o vosso espírito àqueles por quem chamais, a fim de que, encontrando em vós as necessárias disposições, possam lançar em profusão a semente que é preciso germine em vossas almas e dê frutos de caridade e justiça.

Não julgueis, todavia, que, exortando-vos incessantemente à prece e à evocação mental, pretendamos vivais uma vida mística, que vos conserve fora das leis da sociedade onde estais condenados a viver. Não; vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrificai com um sentimento de pureza que as possa santificar.

Sois chamados a estar em contacto com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes. Sede joviais, sede ditosos, mas seja a vossa jovialidade a que provém de uma consciência limpa, seja a vossa ventura a do herdeiro do Céu que conta os dias que faltam para entrar na posse da sua herança.

Não consiste a virtude em assumirdes severo e lúgubre aspecto, em repelirdes os prazeres que as vossas condições humanas vos permitem. Basta reporteis todos os atos da vossa vida ao Criador que vo-la deu; basta que, quando começardes ou acabardes uma obra, eleveis o pensamento a esse Criador e lhe peçais, num arroubo da alma, ou a sua proteção para que obtenhais êxito, ou a sua bênção para ela, se a concluístes. Em tudo o que fizerdes, remontai à Fonte de todas as coisas, para que nenhuma de vossas ações deixe de ser purificada e santificada pela lembrança de Deus.

A perfeição está toda, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; mas, os deveres da caridade alcançam todas as posições sociais, desde o menor até o maior. Nenhuma caridade teria a praticar o homem que vivesse insulado. Unicamente no contacto com os seus semelhantes, nas lutas mais árduas é que ele encontra ensejo de praticá-la. Aquele, pois, que se isola priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoar-se; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta. (Capítulo V, nº 26.)

Não imagineis, portanto, que, para viverdes em comunicação constante conosco,

para viverdes sob as vistas do Senhor, seja preciso vos cilicieis e cubrais de cinzas. Não, não, ainda uma vez vos dizemos. Ditosos sede, segundo as necessidades da Humanidade; mas, que jamais na vossa felicidade entre um pensamento ou um ato que o possa ofender, ou fazer se vele o semblante dos que vos amam e dirigem. Deus é amor, e aqueles que amam santamente ele os abençoa. *Um Espírito Protetor*. (Bordéus, 1863.)

Cuidar do corpo e do espírito

11. Consistirá na maceração do corpo a perfeição moral? Para resolver essa questão, apoiar-me-ei em princípios elementares e começarei por demonstrar a necessidade de cuidar-se do corpo que, segundo as alternativas de saúde e de enfermidade, influi de maneira muito importante sobre a alma, que cumpre se considere cativa da carne. Para que essa prisioneira viva, se expanda e chegue mesmo a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo de estar são, disposto, forte. Façamos uma comparação: Eis se acham ambos em perfeito estado; que devem fazer para manter o equilíbrio entre as suas aptidões e as suas necessidades tão diferentes? Inevitável parece a luta entre os dois e difícil achar-se o segredo de como chegarem a equilíbrio. (1)

Dois sistemas se defrontam: o dos ascetas, que tem por base o aniquilamento do corpo, e o dos materialistas, que se baseia no rebaixamento da alma. Duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos, formiga a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, são mornos no amar e econômicos no gozar. Onde, então, a sabedoria? Onde, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ficaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, por se acharem em dependência mútua, importa cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, porém, cuidai igualmente do vosso corpo, instrumento daquela. Desatender as necessidades que a própria Natureza indica, é desatender a lei de Deus. Não castigueis o corpo pelas faltas que o vosso livre-arbítrio o induziu a cometer e pelas quais é ele tão responsável quanto o cavalo mal dirigido, pelos acidentes que causa. Sereis, porventura, mais perfeitos se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, nem menos orgulhosos e mais caritativos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está nisso: está toda nas reformas por que fizerdes passar o vosso Espírito. Dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: esse o meio de o tornardes dócil à vontade de Deus e o único de alcançardes a perfeição. *Jorge*, Espírito Protetor. (Paris, 1863.)

MATEUS, Cap. XIII, v. 1-23. -MARCOS, Cap. IV,
v. 1-20 e 25. -LUCAS, Cap. VIII, v. 1-15 e 18; Cap. X, v. 23-24.

Parábola do semeador. -Explicação dessa parábola.

MATEUS: V. 1. Naquele dia, saindo Jesus de casa, foi sentar-se à beira mar. - 2. E grande multidão se lhe reuniu em torno. Entrando então para uma barca, ele aí se sentou, ficando a multidão na praia. - 3. E começou a dizer muitas coisas por parábolas, falando assim: Eis que o semeador saiu a semear. - 4. Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à margem do caminho, os pássaros do céu vieram e as comeram. - 5. Uma outra parte caiu em terreno pedregoso, onde muito pouca terra havia; as sementes germinaram prontamente, pois que a terra ali não tinha profundidade. - 6. O sol, nascendo, crestou-as; e, como não tinham raízes, secaram. - 7. Uma outra caiu entre espinheiros que cresceram e a abafaram. - 8. Uma outra finalmente caiu em terra boa e as sementes frutificaram, produzindo aqui cem, ali sessenta, acolá trinta por um. - 9. Quem tiver ouvidos de ouvir, ouça. - 10. Os discípulos, aproximando-se, lhe perguntaram: Porque lhes falas por parábolas? - 11. Respondeu ele: É porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas a eles não. - 12. Aquele que tem, mais ainda se dará, ficando ele na abundância; mas ao que não tem se tirará até o que tem. - 13. Eis porque lhes falo por parábolas; é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. - 14. Neles se cumpre esta profecia do profeta Isaías: "Escutareis com os ouvidos e não entenderéis; olhareis com os olhos e não vereis. - 15. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhe tornaram surdos e os olhos se lhe fecharam, para que não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, não compreendam com os corações e, não se convertendo, não sejam curados por mim." - 16. Felizes os vossos olhos porque vêem, os vossos ouvidos, porque escutam; -17, porquanto, em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvís e não ouviram. - 18. Escutai, pois, a parábola do semeador. - 19. Do coração de todo aquele que escuta a palavra do reino e não a compreende vem o mau Espírito tirar o que nele foi semeado; é a semente que caiu ao longo do caminho. - 20. A que caiu em terreno pedregoso representa aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; - 21, mas, não tendo raízes no seu coração, só por pouco tempo subsiste: sobrevindo as tribulações e perseguições por motivo da palavra, ele logo se escandaliza. - 22. A semente lançada entre os espinheiros representa aquele que ouve a palavra, mas em quem os cuidados do século e a ilusão das riquezas a abafam e impedem de produzir frutos. - 23. A que foi semeada em terra boa indica aquele que escuta a palavra e a compreende, aquele em quem ela frutifica, produzindo cada grão cem, sessenta ou trinta.

MARCOS: V. 1. Pôs-se de novo a ensinar próximo ao mar e como enorme fosse a multidão que ali se reuniu, ele subiu para uma barca e se sentou, ficando todo o povo na praia. - 2. Muitas coisas ensinava por parábolas, dizendo, segundo o seu modo de doutrinar: - 3. "Escutai: O semeador saiu a semear; - 4, e, enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à borda do caminho; vieram as aves do céu e a comeram. - 5. Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde pouca terra havia; as sementes germinaram logo, pois que pequena era a profundidade da terra; - 6, veio, porém, o sol, crestou as plantas e estas, por não terem raízes, secaram. - 7. Outra parte caiu entre espinheiros, estes cresceram e a abafaram, de sorte que ela não deu frutos. - 8. Outra, finalmente, caiu em terra boa; os grãos deram fruto; elevaram-se, multiplicaram-se e produziram cem, sessenta, trinta por um." - 9. E acrescentava: Ouça quem tiver ouvidos de ouvir. - 10. Quando com ele ficaram a sós, os doze que o seguiam interrogaram-no acerca dessa parábola, - 11, e ele lhes respondeu: Dado vos é a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas, para aqueles que são de fora, tudo se faz por parábolas; - 12, a fim de que, vendo, vejam e não vejam e, ouvindo, ouçam e não compreendam, para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. - 13. Perguntou-lhes em seguida: Não entendeis esta parábola? Como podereis entender todas as parábolas? - 14. O semeador semeia a palavra. - 15. A margem do caminho ao longo do qual a semente caiu são aqueles de cujos corações Satanás vem arrancar a palavra logo depois de ter sido nos seus corações semeada. - 16. Semelhantemente, o terreno pedregoso são os que, ouvindo a palavra, a recebem jubilosos. - 17. Como, porém, nesses ela não cria raízes, dura pouco tempo. Em vindo as tribulações e perseguições por causa da palavra eles logo se escandalizam. - 18. Os outros, designados pela parte das sementes lançadas entre espinheiros, são os que ouvem a palavra, - 19, mas os cuidados do século, a ilusão das riquezas e as outras paixões, entrando em seus corações, a sufocam e ela não frutifica. - 20. O terreno bom onde a última parte das sementes é lançada são os que ouvem a palavra, a recebem e dela tiram frutos, na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um. - 25. Mais será dado ao que já tem e ao que não tem se tirará mesmo o que tem.

LUCAS: V. 1. Algum tempo depois, ia Jesus de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando e evangelizando o reino de Deus. Acompanhavam-no os doze, - 2, e algumas mulheres, que tinham sido livradas dos Espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, apelidada - a Madalena, da qual sete demônios haviam saído; - 3, Joana, mulher de Cusa, intendente de Herodes; Susana e muitas outras que o assistiam com seus bens. - 4. Como o cercasse grande multidão de gente vinda de todas as cidades, disse ele esta parábola: - 5. O semeador saiu a semear a sua semente e, enquanto o fazia, uma parte delas caiu à margem do caminho, foi pisada e os pássaros do céu a comeram. - 6. Outra parte caiu sobre pedras e, por falta de húmus, secou, logo depois de haver germinado. - 7. Outra

caiu entre espinheiros que, crescendo, a sufocaram. - 8. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa, germinou e frutificou, produzindo cem por um. E, dizendo isso, exclamava: Quem tem ouvidos de ouvir ouça. - 9. Os discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola. - 10. Ele lhes respondeu: Dado vos foi a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos outros só por parábolas se lhes fala, a fim de que vendo não vejam e ouvindo não compreendam. - 11. Eis o que quer dizer esta parábola: A semente é a palavra de Deus. - 12. A que cai junto do caminho indica os que ouvem a palavra, mas de cujos corações Satanás a vem arrancar, pelo temor de que, crendo, eles se salvem. - 13. As que caem sobre pedras indicam os que, tendo-a ouvido, recebem com alegria a palavra: esta, porém, não cria raízes, porquanto eles crêem apenas durante algum tempo, retrocedendo assim chegam as tentações. - 14. A parte que cai entre espinheiros corresponde aos que escutaram a palavra, mas em cujos corações ela é abafada pelas preocupações terrenas, pelas riquezas, pelos prazeres da vida e não produz frutos. - 15. A boa terra onde cai a última parte das sementes são os que, ouvindo a palavra, a guardam nos seus corações bons e excelentes e dela tiram fruto pela paciência. - 18. Vede, pois, de que modo ouvís; porquanto, mais se dará àquele que já tem e ao que não tem se tirará até o que julgue ter.

X. v. 23. Voltando-se para os discípulos, disse-lhes: Felizes os olhos que vêem o que vedes; - 24, porquanto, eu vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvís e não ouviram.

N. 164. A parábola do semeador não precisa de explicações. A que Jesus deu aos apóstolos, na medida do que eles podiam e deviam receber, como encarnados, a fim de desempenharem suas missões, basta para que a compreendais. Entretanto, convém que, por meio de explicações especiais sobre alguns pontos, tornemos conhecidos e, tirando da letra o espírito, desenvolvamos, para vós outros espíritas e para os que hão de vir a sê-lo, o sentido e o alcance integrais do que disse Jesus aos apóstolos. Antes de tudo, porém, cumpre vos façamos compreender de que pontos de vista deveis encarar o que disse Jesus à multidão, servindo-se da parábola, e o que disse aos apóstolos explicando-a, porquanto algumas das palavras daquele Mestre indulgente e bondoso, daquele bom pastor desejoso de não perder nenhuma das suas ovelhas, parecem desmentir os atos de toda a sua vida humana, humana no entender dos homens.

A geração que vivia ao tempo em que Jesus desempenhava a sua missão se compunha de Espíritos orgulhosos e fúteis, voluntariamente surdos e cegos, revoltados contra qualquer autoridade, Espíritos que, mesmo antes de encarnarem, recusavam todo amparo que lhes era oferecido para se tornarem melhores.

Filhos humanos dos Hebreus vindos do Egito, Espíritos que, havia séculos, passavam por provações, sem contudo perderem a tendência à murmuração e à revolta que caracterizavam os Hebreus desde os primórdios da formação de sua nacionalidade, os homens daquela época, ainda quando fossem capazes de receber sem véu a palavra do

Mestre, não se lhe submeteriam, com o que incorreriam em maior culpa.

Já por aí podeis admirar a previdente bondade de Jesus, modelo de perseverança e de doçura, poupando ao merecido castigo o filho rebelde e temerário, evitando fazer-lhe uma imposição à qual sabia que ele se furtaria.

Recebendo velada a palavra de Jesus, os que estivessem dispostos a caminhar para a frente podiam, como o fizeram os discípulos, esforçar-se por lhe descobrirem o sentido oculto.

Os que, ao contrário, não quisessem curvar-se ao jugo daquela lei que lhes prescrevia uma reforma por demais pesada para suas naturezas más, seriam culpados apenas de indiferença, de não procurarem devassar os mistérios que de pronto não compreendiam.

Dizendo, pois: "não se lhes falará senão por parábolas e símiles, para que não se convertam", Jesus aludia aos que, cedendo a um primeiro impulso, tentariam avançar, mas que, detidos bruscamente pelos seus maus instintos, fariam sem demora um recuo, que lhes viria a ser causa de grande castigo; porquanto, atentai bem, muito será dado ao que já tem, isto é: aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo; ao passo que àquele que pouco tenha, mesmo esse pouco será tirado. Quer isto dizer que este último, indiferente ao que lhe foi dado, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apoderem do seu coração, que os vícios e males que o oprimirão durante séculos tomem o lugar das poucas virtudes de cuja posse já desfrutasse.

Devendo tornar-se pública a explicação que da parábola Jesus deu, em segredo, a seus discípulos, ela foi publicada pelas narrações evangélicas; como já o tinha sido pelos apóstolos e discípulos, mas somente depois de finda a missão terrena do Mestre, porque só então a massa popular, preparada por todas as palavras que ele pronunciara e por todos os atos que praticara durante aquela missão, até o momento da sua chamada "ascensão", se mostrou apta a ouvir com proveito, da boca dos apóstolos e dos discípulos, a explicação de tudo o que dissera o Cristo, explicação que era dada na medida do que ela podia suportar e do modo por que o devia suportar. Só depois de concluída a missão messiânica, a massa popular se mostrou apta a ter conhecimento daquelas palavras e atos pela narração evangélica, que na ocasião oportuna se lhe transmitiu. Essa narração tinha que ser, sob o império da letra, e foi, tanto naquela época, quanto no presente, como terá que ser no futuro, sob o reinado do espírito, o livro do progresso, a fonte donde jorram e hão de jorrar sempre a luz e a verdade.

(Mateus, v. 11-15; Marcos, v. 11, 12 e 25; Lucas, v. 10-18). Aqui tendes agora, despojado da letra o espírito, o pensamento do Mestre, sem mais incertezas no modo de entender os textos desses versículos.

"Dado vos é a vós conhecer os mistérios do reino dos céus - os segredos do reino de Deus; mas, A ELES, não, - esse conhecimento não lhes é proporcionado, senão por parábolas, - tudo se faz por parábolas. (MATEUS, v. 11; MARCOS, v. 11; LUCAS, v.

10)."

Aos apóstolos e aos discípulos era dado conhecerem o mistério do reino dos céus, os segredos do reino de Deus, porque, sendo seus Espíritos mais elevados do que os dos outros homens da época, eles se achavam aptos a espalhar as verdades que Jesus trazia ao mundo. Mas, para o fazerem, tinham que começar por compreendê-las, razão pela qual não lhes foi dado senão o que podiam e deviam comportar, para o desempenho da missão que lhes incumbia.

Com relação à época em que viveis, o mesmo sucede. Vossas inteligências progrediram e nós, trazendo-vos a revelação do mundo invisível, os mistérios do reino dos céus, os segredos do reino de Deus, vo-las faremos compreender, a fim de que possais espalhar por toda a terra esse conhecimento; a fim de que, como os discípulos do Mestre, possais ir de cidade em cidade, de povoado em povoado, pregar o arrependimento e dizer como eles diziam: "Apressai-vos, aproxima-se o momento!"

As expressões - reino dos céus, reino de Deus - compõem uma imagem destinada a materializar, por assim dizer, a felicidade dos bem-aventurados. A homens, que não viam mais do que a matéria, preciso era que se apresentasse uma figura material da outra vida, a respeito da qual nada perceberiam, se lhes fosse mostrada em toda a sua espiritualidade.

Os mistérios do reino dos céus, os segredos do reino de Deus eram os meios, desconhecidos até então, de chegar-se àquela felicidade.

Antes das revelações feitas por Jesus, os homens nenhuma idéia clara formavam da outra vida. Por muito vaga, a intuição que dela tinham os havia deixado na indiferença, relativamente à existência e à felicidade que poderiam esperar no além-túmulo. Jesus veio levantar o véu e esclarecer as inteligências. Mas, apenas uma ponta do véu foi levantada; a luz permaneceu velada. Continuamos hoje a levantar o véu que vos oculta a outra vida. Conquanto ele não tenha sido ainda totalmente erguido, já a luz brilha com mais vivo fulgor, com o fulgor que os vossos olhos, tornados mais fortes, já podem suportar. Ela, porém, ainda não brilha em todo o seu esplendor, porque ainda não estais bastante maduros para uma revelação completa. Bem orgulhoso seria aquele que pretendesse haver sondado a profundidade desses mistérios, impenetráveis para as vossas inteligências humanas. Esperai: quando atingirdes a idade da razão, obtereis, vós espíritos, todas as revelações do mundo invisível. Preparai os vossos corações, alargai o âmbito da vossa ciência, desenvolvei as vossas inteligências e, em chegando o momento, conhecereis todos os mistérios do reino dos céus, todos os segredos do reino de Deus.

Conhecê-los-eis quando houverdes alcançado uma purificação moral completa e quando, sob a influência e o desenvolvimento progressivo dessa purificação moral, houverdes, também progressivamente, aprendido a conhecer a onipotência de Deus, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinitas, suas vontades e suas obras na imensidade; quando houverdes adquirido a ciência dos elementos e das propriedades de

ação dos fluidos, no que concerne à vida e à harmonia universais, a ciência dos meios que se devem empregar para a obtenção das graças do Senhor, debaixo do ponto de vista do bem, que leva à felicidade, e do mal que, não evitado, leva à punição.

Ao que tem. mais ainda se dará e ele ficará na abundância. (MATEUS, v. 12; MARCOS, v. 25; LUCAS, v. 18).

Sabendo, como sabeis, que o Espírito, ao revestir um invólucro de carne, traz consigo o tesouro que pôde acumular nas suas existências anteriores, facilmente compreendereis que esse tesouro tanto mais depressa aumentará, quando mais sólidas forem as bases sobre que se constituiu. Aquele que nasce com o desejo ardente de rapidamente progredir se esforçará pelo conseguir e a luz lhe será tanto mais abundante, quanto maior seja o ardor com que deseje vê-la. Já o dissemos e repetimos, atentai bem: muito será dado ao que já tem e ele ficará na abundância, isto é: aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo.

Mas ao que não tem se tirará mesmo o que tem (MATEUS, v. 12 e MARCOS, v. 25). E ao que não tem se tirará até o que ele julgue ter. (LUCAS, v. 18).

Estas palavras precisam ser entendidas segundo o espírito e não segundo a letra, pois que, dirigindo-se aos discípulos e à multidão, disse Jesus: Ouça quem tiver ouvidos de ouvir.

O fim com que foram pronunciadas era tornar mais frisante, para as inteligências humanas, o pensamento de quem as proferia. Jesus assim se exprimiu para dar mais força à imagem.

Todo Espírito encarnado possui alguma coisa. Por pouco que haja progredido antes de chegar ao vosso planeta, sempre tem algum progresso feito.

O pensamento velado do Mestre era este: "àquele, que tem pouco, se tirará mesmo o que tenha; ao que nada tem, mas julga ter, se tirará mesmo o que julgue ter".

Ao que tem pouco se tirará mesmo o que tenha, porque, conforme já o dissemos, indiferente ao que obteve, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apoderem do seu coração, que os vícios e males, que o oprimirão durante séculos, tomem o lugar das virtudes em cuja posse já estivesse. Efetivamente, da negligência na prática do bem nascem as raízes do mal. Quando, por indiferença, recusais a esmola ao desgraçado, não é porque seja mau o vosso coração que assim procedeis, sim por uma espécie de lassidão de espírito, que vos impede de atentar no bem que teríeis podido fazer. Faltais à caridade. Aquele que, verificando ser mau o caminho por onde entrou, não trata, por indiferença, de se retirar dele, cai em todos os precipícios que o margeiam. Aquele que não é devotado se torna egoísta. O que não é caridoso se torna insensível. O que não é humilde de coração e de espírito se torna vaidoso e orgulhoso. O que não é submisso à vontade de Deus se torna rebelde e murmura contra seus decre-

tos. O mal nasce sempre da negligência em praticar o bem. O Espírito não retrograda, mas permanece estacionário, o que equivale a uma retrogradação, pois que ele é de essência ativa e progressiva.

Ao que tem pouco se tirará mesmo o que tenha.

Aquele que não entesoura, que, ao começar a sua vida humana, pouco traz das anteriores existências, enlanguesce cada vez mais. Nenhum desejo nutre de progredir e, como nada adquire, perde, por isso que, para o Espírito, o estacionamento se torna, ao cabo de algum tempo, fonte de dores e remorsos.

Tendes por destino progredir sem cessar; ide para diante. Pedi, pedi sempre, mas com humildade de coração e de espírito, desinteressadamente, sem outro móvel que não seja o amor a Deus e ao próximo, sem outro desejo que não o de progredir moral e intelectualmente, de trabalhar só para Deus, auxiliando o progresso moral e intelectual de vossos irmãos. Pedi, pois que, quanto mais pedirdes, tanto mais vos será concedido; quanto mais vos esforçardes, tanto mais se aplanarão as dificuldades. E neste sentido que mais se dá ao que já tem e que, de certo modo, se tira àquele que nada tem. Melhor falando: este é quem tira de si mesmo, porquanto a falta de progresso representa, para o Espírito, perda cem vezes maior do que, para o usuário, a do seu tesouro.

"E àquele que nada tem, mas que julga ter, se tirará MESMO O QUE julgue ter."

Por estas palavras queria Jesus combater o orgulho inato nos homens, os quais, por pouco que valham, se atribuem um valor fictício, muito acima do seu valor real.

Depois da morte, o Espírito, ao fim de certo tempo, vê claramente o que é e o que vale. O orgulho, considerado do ponto de vista dos obstáculos que opôs ao seu progresso e das faltas a que o arrastou, se lhe torna então uma fonte de dores e de remorsos. É também neste sentido que ao que nada tem, mas julga ter, se tira, de certo modo, o que julgue ter. Ou antes: é ele próprio quem tira de si, aos golpes da expiação.

"Eis porque lhes falo por parábolas: é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. Com relação a eles se cumpriu esta profecia do profeta Isaías: "Escutareis com os ouvidos e não entendereis: olhareis com os olhos e não vereis. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhe tornaram surdos e os olhos se lhe fecharam, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, não compreenda com os corações e, não se convertendo, não seja curado por mim." (MATEUS, v. 13, 14 e 15). Mas, para os que são de fora. tudo se faz por parábolas, a fim de que, vendo, vejam e não vejam, ouvindo, não ouçam nem compreendam; para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. (MARCOS, v. 12 e 22). Mas, aos outros, só por parábolas se lhes fala do reino de Deus, a fim de que, tendo olhos, não vejam e, tendo ouvidos, não compreendam. (LUCAS. v. 10).

A interpretação dessas palavras de Jesus foi falseada pela significação dos vossos vocábulos, assim como pelas repetições e traduções.

Vamos dar-vos, sem a menor incerteza quanto à inteligência dos textos, o pensamento do Mestre e o sentido das suas proposições.

Repetindo-o, diremos: Ouça quem tiver ouvidos de ouvir; porquanto, suas palavras, compreendidas em espírito e em verdade, não poderiam desmentir e não desmentem os atos de toda a sua vida, tida por humana pelos homens.

Para Jesus, pastor das almas transviadas, os homens daquela época se assemelhavam a frutos verdes que, expostos aos raios de um sol demasiado ardente, secam, em vez de amadurecer, razão por que o pomareiro trata de os abrigar dos ardores solares, a fim de que tenham tempo de desenvolver-se. Chegados ao ponto de maturação, o calor, a que com arte foram subtraídos, acabará de dourá-los com seus raios benéficos.

Muitos são chamados e poucos os escolhidos, disse Jesus, mas não no sentido que, interpretando-as de um ponto de vista humano, a Igreja romana deu a essas palavras, isto é: não no sentido de que o Mestre atraiu todos os homens para junto de si, com o fim de escolher um pequeno número deles e deixar que os restantes, em grandes massas, fossem levados para essas regiões de dores onde só se ouvem "prantos e ranger de dentes". Ao contrário, os homens, frutos verdes e duros, se aproximavam lentamente do sol benfazejo que os havia de desenvolver e madurar e que, para conseguir-lo, atenuava o seu brilho e o seu calor.

Falais porventura a uma criança como falais a um homem? Podeis expor à criança as questões morais e filosóficas que lhe fareis compreender quando chegar aos vinte anos? Não. À criança falais de modo apropriado à sua inteligência que desponta, deixando-lhe, contudo, entrever que mais tarde direis muitas outras coisas, fazendo-lhe ver que a sua pouca idade a torna incapaz de apreender um raciocínio. Será com o propósito de lhe retardar o desenvolvimento que procedeis assim? Será porque, uma vez homem, este seja incapaz de compreender, de se instruir? Não. É que o fruto está verde e por isso o abrigais do calor e da luz, temendo que o excesso destes dois princípios benéficos, atuando muito cedo, o estiole em vez de o fortificar.

Jesus, que era a bondade por excelência, não podia, bem o deveis compreender, privar voluntariamente as criaturas humanas da salvação que ele mesmo lhes trazia. Ao contrário, para não as arrastar a faltas, deixava sempre aos Espíritos indolentes o recurso de não lhe compreenderem as palavras. Assim, as que se lêem acima, constantes nos citados versículos de Mateus, Marcos e Lucas, não devem ser encaradas senão como uma forma de falar às inteligências dos homens de então.

Os apóstolos, surpreendidos ante aquela linguagem velada, que se lhes afigurava confusa, procuraram a explicação do fato. A Jesus, porém, não era dado patentear-lhes o motivo por que assim procedia, uma vez que, tendo também eles de ser instrumentos da obra, só recebiam o que podiam e deviam suportar no momento, para o bom êxito da mesma obra, mediante o desempenho de suas missões, no meio que lhes estava prepa-

rado. Assim sendo, o Mestre lhes deu uma razão capaz de satisfazê-los, de os mover à piedade para com os que ele intencionalmente deixara na obscuridade da parábola e de os encher do mais ardente amor e do mais vivo reconhecimento para com aquele que os escolhera, a fim de os iniciar.

É evidente que quem viera para ensinar aos homens a expiação de suas faltas não iria voluntariamente obstar a que os culpados obtivessem o perdão de seus pecados. Mas, onde não houver arrependimento, não pode haver remissão de faltas. Jesus, prevenido as recaídas, evitara incorressem em mais grave falta os que, num ímpeto ardoroso e irrefletido, entrassem pelo novo caminho que se lhes abria. De fato, esses, embora aos olhos dos homens parecessem merecer a remissão de seus pecados, em falta mais grave incorreriam, porque, não tendo consistência nem fundo as suas novas crenças, eles de pronto cairiam num estado pior do que o precedente, tornando-se merecedores de mais severo castigo. Jesus cuidava de lhes poupar mais duras reprimendas. Com a sua bondosa previdência, poupava aos rebeldes as probabilidades de queda e, aos ingratos empedernidos, ensejo de praticarem novas ingratidões.

Como podeis imaginar, os milagres que o Cristo operava nos doentes grande influência tinham nos Espíritos. Muitos, porém, dos que no momento ficavam impressionados, se atinham apenas ao ato material e, assim como em geral pouco reconhecidos vos mostrais ao hábil cirurgião que vos livrou de um mal perigoso, também os doentes curados pelo médico das almas depressa esqueciam os socorros materiais e morais que dele recebiam. Jesus, por isso, evitava os "milagres" e usava de linguagem velada, sempre que falava onde sabia que suas palavras e seus atos não dariam fruto, tal a esterilidade da terra, capaz unicamente de produzir flores efêmeras.

Espiriticamente o mesmo sucede. O Espírito encarnado que contorna a luz, sem procurar aproximar-se dela, será apenas punido pela sua indiferença. Mas, aquele que, atraído pelo clarão bendito, começa a se esclarecer e depois fecha os olhos e recua, terá que expiar a sua inconstância e a traição que praticou consigo mesmo. Não é que o Senhor lhe faça cair sobre a cabeça, especialmente, o peso da sua justiça. Ele expiará pelos remorsos, pela incessante visão do bem que teria feito, do progresso que teria realizado, os quais brilharão sem cessar aos seus olhos, como a presa que foge no momento em que vai ser apanhada.

A ninguém é lícito recuar, já o temos dito. Uma vez que entrastes no caminho, tendes que avançar constantemente, estendendo as mãos para a direita e para a esquerda, a fim de levardes convosco os que não possam ir sozinhos. Procedei, pois, com prudência e reflexão e dizei sempre aos que queiram seguir-vos: caminharemos continuamente para diante; quem pára - recua e quem recua - cai.

(V. 16 e 17 de Mateus e 23 e 24 de Lucas). Dizendo o que consta destes versículos, Jesus aludia ao Espírito encarnado. Os profetas e os justos de quem ele fala previam a vinda do Messias e felizes teriam sido, se ela se houvera verificado durante o tempo da encarnação deles.

"O caminho a cuja margem a semente caiu são aqueles que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, que a escutam e de cujos corações, mal a têm escutado, o Espírito maligno, satanás, o diabo a vem arrancar, pelo temor de que esses, crendo, se salvem." (MATEUS, V. 18 e 19; MARCOS, v. 15; LUCAS, VIII, v. 12).

"A palavra do reino" - quer dizer: os ensinamentos dados por Jesus para que os homens aprendessem a merecer o reino dos céus. Conquanto não fosse o próprio Deus, ele podia dizer que personificava a palavra dos céus, por ser de Deus o órgão que se fizera carne, no entender dos homens que o julgavam encarnado, como eles, num invólucro corporal humano, mas que, na realidade, se fizera carne, encarnando apenas visualmente num perispírito tangível, num corpo perispirítico incorruptível. Quanto às expressões - Espírito maligno, satanás, diabo, empregadas para exprimir a mesma coisa, são sinônimas. Como já o temos dito, designam figuradamente, de modo emblemático, os Espíritos maus, Espíritos de erro e de mentira, Espíritos inferiores, impuros, levianos ou perversos.

Falando do Espírito maligno, de satanás, do diabo, que arranca do coração do homem a palavra do reino, "pelo temor de que, crendo, o homem se salve", aludia Jesus aos Espíritos maus que se congregam em torno dos que não lhes resistem e se esforçam por impedi-los de sair da situação precária em que se encontram.

A crença humana na personificação de satanás, do diabo, com seu inferno eterno, se originou da necessidade de materializar os símbolos, a fim de os tornar perceptíveis à matéria; foi um freio, um meio de infundir terror salutar, durante os séculos que a humanidade terrena tem atravessado.

Como impedir que o Espírito humano modifique as verdades ao sabor das suas necessidades? Como impedir que o homem explore o homem? que o inteligente domine o crédulo, que o forte esmague o fraco e que, para consegui-lo, empregue os meios a seu alcance? Qual o freio mais próprio do que o terror, para ser usado naquela época de ignorância e de barbaria, em que começou o reino de "Lúcifer"? O terror era o meio de que se podia lançar mão, tanto contra o forte quanto contra o fraco; era um jugo que se aplicava igualmente a todas as frentes; era um freio que domava todas as naturezas.

Não reproveis que tal se tenha dado. O que, na antiguidade, se passou com os Hebreus e depois convosco tinha que ser assim. Impotentes teriam sido então a lei de amor e de meiga caridade que vos pregamos hoje, a lei natural e imutável da reencarnação, que vos revelamos, sem véu, em seu princípio e nas suas conseqüências, leis que, pela reparação, pela expiação e pelo progresso, vos mostram o caminho que tendes de percorrer, para entrardes, purificados e santos, no reino dos céus, isto é: para chegardes à perfeição; leis que vos mostram o Deus de amor, o Deus paternal e bom conduzindo-vos pela sua onipotência ao seu seio, sob a ação da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas.

Ao fogo das paixões humanas foi preciso contrapor um fogo ainda mais ardente, capaz de abalar aqueles homens de ferro que, sem isso, se houveram estrangulado uns

aos outros desapiedadamente.

O que se deu tinha que se dar. A fonte era boa, mas o homem a turvou e o lodo das paixões humanas continuou a escurecê-la.

Hoje, pela nova revelação, restituímos ao manancial a sua limpidez de outrora e a fonte de vida, em vez de se despenhar sobre pedras que seriam arrastadas pela torrente, vai deslizar tranqüila e clara por sobre dourado saibro que lhe formará o leito.

Nada mais dos vãos temores, úteis todavia naqueles bárbaros tempos! Abaixo a exploração do homem pelo homem! O ignorante deixará de ser presa do instruído, porquanto a ciência tem que se universalizar; o forte não mais esmagará o fraco, porquanto a força do primeiro não servirá senão para amparar o segundo; o poderoso não mais pisará a fronte do pequenino, porquanto, ao contrário, se abaixará cheio de solicitude para tomar o outro nos braços e ajudá-lo a erguer a cabeça para o céu.

Cada século tem tido suas criações, destinadas todas ao progresso da humanidade. Comparai, julgai, aproveitai, mas não reproveis.

"O que sucede ao grão que cai em terreno pedregoso, onde há pouca terra, é o que se dá com aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; não tendo ela, porém, raízes em seus corações, esses só por pouco tempo crêem: sobrevivendo a tentação, eles se afastam, retrocedem e, em chegando as tribulações e perseguições, logo se escandalizam." (MATEUS, v. 20 e 21; MARCOS, v. 16 e 17; LUCAS, v. 13).

Os que, sobrevivendo a tentação, se afastam, recuam, são os que cedem desde que se lhes apresente ocasião de reincidirem nos seus antigos transviamentos, tornando-se rebeldes e surdos à palavra de Deus, deixando-se levar de novo pela corrente de seus erros e faltas, influenciados pelos maus Espíritos, que seus maus pendores atraem e aos quais não sabem resistir.

Os que de pronto escandalizam, logo que cheguem as tribulações e perseguições por causa da palavra, são os que, baldos de energia, se impressionam ou amedrontam com as tribulações e perseguições e se retiram.

Com relação aos apóstolos e discípulos, Jesus aludia às tribulações e perseguições físicas e morais.

Com relação aos espíritas, as tribulações e perseguições são todas de ordem moral: são o ridículo, que muitos se esforçarão por lançar sobre a doutrina e seus sectários. Dizemos sectários, aludindo à falsa opinião, geralmente espalhada, de que vós, que simplesmente procurais a luz e a verdade, seguindo o caminho traçado por Jesus, formais uma nova seita.

Aquelas tribulações e perseguições são ainda os mil obstáculos que se vos opõem, que se vos oporão por mais algum tempo, pois que, até aqui (1), amigos, caminhastes sobre rosas, apenas alguns espinhos apareceram. Vem próximo o momento das contrariedades sérias para a humanidade. A Igreja e seus adeptos se elevarão como barreiras,

para vos deterem os esforços, barreira que será tanto mais temível, quanto parecerá que se some à vossa aproximação, para logo adiante se erguer mais ameaçadora. Vãos, porém, serão seus esforços. Contra ela se voltará o ridículo de que faz arma para vos combater. Sobre ela recairá o anátema que lançará sobre vós. Vê-la-eis, um dia, humilhada ante a inutilidade dos seus esforços, abrir-vos as portas e pedir-vos a luz que hoje tenta abafar em trevas.

É destas pequenas oposições que se amedrontam os que, baldos de energia, não ousam afrontar a opinião pública, quando a sentem contrária, fraqueiam na guerra de família que se vem travando e que cada vez mais ardente se tornará, guerra que nos faz hoje dizer-vos, como Jesus: não vos trazemos a paz e sim a divisão.

Não se tornem, pois, pedra de escândalo os que se encontram às voltas com essas oposições domésticas e não abandonem a pugna, se não querem perder a parada. Para vós, espíritas, a parada é a paz, é o progresso, é um adeus definitivo às misérias do vosso mundo. Não abandonéis, pois, a luta. Oponde a doçura aos ataques íntimos; a razão, a firmeza e a dignidade aos ataques exteriores. Tende por divisa: paciência e resignação.

Sustentados pela fé, vencereis todos os obstáculos que vos criem. Sob os vossos passos, eles se desmancharão como montículos de areia. Coragem! não escandalizeis, pois não tendes o direito de retirar-vos.

"O grão semeado entre os espinheiros representa aquele que ouve a palavra, mas deixa que os cuidados do século, as preocupações, a ilusão das riquezas, os prazeres da vida e as outras paixões a abafem e impeçam de dar frutos." (MATEUS, v. 18; LUCAS, v. 14).

Aqueles em quem desse modo a palavra é abafada e não dá frutos são os que tudo sacrificam aos instintos e apetites materiais, que dão causa à predominância da matéria sobre o Espírito, ou mesmo à escravização do Espírito à matéria.

"Os que são designados pela terra boa onde é semeada e cai uma parte dos grãos, são os que escutam a palavra de Deus, a compreendem, aceitam, guardam, põem em prática e fazem germinar pela paciência e frutificar na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um." (MATEUS, v. 23; MARCOS, v. 20; LUCAS, v. 15).

A boa terra são os que, de conformidade com o seu desenvolvimento intelectual e moral, se esforçam por pôr em prática a palavra de Deus semeada primeiro pelo seu Cristo, depois pelo Espírito da Verdade. São os que a fazem germinar pela paciência, isto é: são os que, tendo maus pendoros a combater, se aplicam com toda a perseverança em os combater e substituir pela boa semente.

A lei de amor é isenta de egoísmo. Jesus pregava às multidões, para que suas palavras fossem ouvidas e encontrassem a terra boa.

Do mesmo modo, vós outros, novos discípulos do Mestre, deveis hoje elevar a voz, sempre que puderdes esperar que ela seja ouvida.

O grão produzido pela semente lançada em terra boa tem que ser por sua vez semeado, a fim de que produza colheita abundante, eis o pensamento de

Jesus. Aquele, pois, que representa a boa terra, de cujo seio brotou o bom grão, deve fazer a colheita e empregá-la, semeando nos seus irmãos os grãos colhidos, o que quer dizer: operar neles, primeiro pelo exemplo, depois pelo ensinamento, pela palavra, o desenvolvimento intelectual e moral que adquiriu.